

## EDITORIAL

Recentemente ocorreu aqui em Uberlândia, para ser mais exato, entre 23 e 27 de maio, o Segundo Congresso de Ciências Humanas, Letras e Artes e a Segunda Mostra de Ciências Humanas, Letras e Artes, esta segunda, exclusiva das Universidades Federais situadas em território mineiro.

Com o intuito de discutir e encontrar formas de cooperação que permitissem intercâmbio e projetos integrados de ensino, pesquisa e extensão, a partir de dezembro de 1990, os dirigentes das áreas de Ciências Humanas, Letras e Artes realizaram encontros periódicos nos quais discutiram especialmente o papel das humanidades na universidade e na sociedade contemporâneas.

Dos primeiros encontros, participaram apenas Diretores de unidades. Depois sentimos a necessidade de ampliar a participação com professores e técnicos, o que caracterizou uma decisão altamente positiva.

Dos sucessivos encontros surgiram estratégias de aprimoramento de programas já consolidados, de desenvolvimento de áreas emergentes e de criação de novos programas, a partir da implementação de políticas que tenham em vista tanto a realidade regional quanto nacional, bem como discutiu-se o papel transformador e de vanguarda inerente à universidade brasileira.

Para concretizar as idéias surgidas com os Encontros, optamos por uma forma ampla de divulgação e socialização da produção acadêmica materializada num Congresso no qual os pesquisadores pudessem apresentar o resultado de seu trabalho. O I Congresso e I Mostra tiveram a função de romper barreiras, mapear a produção científica, artística e cultural e refletir criticamente sobre a universidade e o papel das Ciências Humanas, Letras e Artes.

Entre outros problemas que dificultavam o desenvolvimento da área de Humanas encontrava-se a falta de espaço específico de discussão que possibilitasse à área promover um acerto de contas com seu passado, refletir sobre as atribuições presentes e assentar as bases para uma forma de atuação mais consentânea com o momento e com as projeções do futuro.

As Ciências Humanas desempenharam, em passado recente, importante papel, principalmente de crítica, na vida política nacional. O advento do autoritarismo e a conseqüente diáspora das principais lideranças humanistas, aliados ao modelo de desenvolvimento econômico que dispensava a reflexão e

a crítica, colocaram as Humanidades numa posição secundária no interior das Universidade e, mesmo, da sociedade como um todo. Sem querer simplificar, pode-se dizer que muitos dos desacertos que marcaram a História do Brasil contemporâneo advêm da falta de participação das Ciências Humanas na discussão e encaminhamento das grandes questões Nacionais.

Preocupava-nos agora a definição de um novo referencial. A busca deste rumo, que permitisse às Humanidades manter sua individualidade, sem perder o passo com o desenvolvimento histórico-científico, passou a nortear os encontros de dirigentes. E uma solução aventada foi exatamente a de se abrir o debate e promover encontros voltados para uma clientela mais abrangente, para uma discussão mais ampla, que possibilitasse às Humanidades o reencontro de sua identidade e, mais que isso, a sua adequação ao mundo moderno. Mas, para isso, seria necessário fugir da configuração especializadora dos encontros científicos, que garantem o desenvolvimento das diferentes ciências e acabam por descaracterizar o pluralismo e a interdisciplinaridade, que sempre marcaram a atuação das Ciências Humanas.

Dentro dessa perspectiva, em 1993 realizamos em São João Del Rei, o I Congresso e I Mostra de Ciências Humanas, Letras e Artes. Ali, as Ciências Humanas puderam aquilatar, pela primeira vez, o potencial produtivo da área: mais de 400 trabalhos científicos foram apresentados. A interdisciplinaridade, característica maior das Humanas, pôde ser praticada e diversos trabalhos conjuntos surgiram a partir desta experiência. A percepção foi de que um primeiro passo para o resgate da identidade das Humanas havia sido dado, e que o processo não deveria ser interrompido. Complementarmente, a significativa participação de pesquisadores e professores de outras entidades, inclusive com cerca de 30% de participantes vindos de outros Estados, descaracterizou, de início, qualquer caráter “doméstico” ou “mineiro” do Congresso.

Em vista desta observação e atendendo também aos reclamos de instituições privadas e públicas que pretendiam maior espaço para participação, o II Congresso de Ciências Humanas, Letras e Artes, que aconteceu em Uberlândia, eliminou de sua organização os aspectos puramente regionais, que ficaram resumidos ao rol das instituições promotoras do evento e, é claro, à presença marcante de seus pesquisadores nas inscrições para o Congresso. Apenas a Mostra permanece estritamente “mineira”, por questão de absoluta falta de espaço para atender à demanda de expositores de outros estados. Isto determina a presença de expositores, de grande número de conferencistas de outros estados e também estrangeiros. Contudo, o número de palestrantes das

instituições mineiras (cerca de 50%) é bastante significativo, tanto em termos numéricos quanto qualitativos.

As instituições promotoras, as Universidades Federais de Uberlândia, de Juiz de Fora, de Ouro Preto, de São João Del Rei, de Viçosa, a UFMG (e futuramente a nova Universidade Federal de Lavras) pretendem com este Congresso firmar a área de Humanas como espaço específico de discussão acadêmica nacional, consolidando um forma de debate através do qual a sociedade possa acompanhar e usufruir do resultado de seus trabalhos e perceber como o setor participa da geração e divulgação do conhecimento, bem como manter viva a cultura humanística no interior da Universidade. Além disso, a partir do que foi constatado após a realização do I Congresso objetivam torná-lo foco de estímulo e revigoramento para trabalhos integrados que se desenvolvem entre pesquisadores da área, possibilitados tanto pela proximidade geográfica como cultural e acadêmica, que explicitam nestes encontros.

É, em suma, um Congresso que, longe de apenas aproximar diferentes disciplinas, procura discutir as Humanidades em todos os seus aspectos: de forma crítica, buscando a ampliação de sua inserção social. E, esta, acreditamos, é sua especificidade.

Os II Congresso e II Mostra são eventos resultantes da união de esforços das referidas áreas das Universidade Federais sediadas em solo mineiro e dão continuidade ao trabalho iniciado nos encontros e no I Congresso.

Para elaboração do programa do Congresso, a Comissão Organizadora procedeu a ampla consulta nas universidades promotoras durante o segundo semestre de 1994, visando a levantar as expectativas com relação ao evento e mapear as linhas de pesquisa existentes.

Da análise das propostas recebidas, criamos uma estrutura básica do Congresso, procurando-se atender tanto às especificidades das diversas disciplinas quanto à necessidade de se criar espaços de reflexão interdisciplinar, evitando que o evento se tornasse uma mera junção de encontros isolados, que apenas repetiriam os eventos tradicionalmente existentes para cada área específica.

Muitas foram as dificuldades de percurso na organização de nosso Evento. Algumas notoriamente sabidas referem-se ao financiamento de eventos e iniciativas similares.

Recebemos, em determinado momento, críticas por estarmos promovendo um Congresso Regional, fruto, provavelmente, de uma leitura apressada do projeto ou apenas do seu título, uma vez que, desde o primeiro, sabíamos que, enquanto os Encontros de Dirigentes tinham caráter regional,

os Congressos seriam o momento apropriado para, justamente, fazermos nossa inserção, não apenas na comunidade brasileira de cientistas, mas também na comunidade internacional.

Noutro momento, as críticas originavam do oposto, ou seja, grande parcela de nossos pesquisadores vinha do eixo Rio-São Paulo. Ora, se um dos motivos que nos levou a discutir nossas fraquezas era justamente a constatação de que a referida região era privilegiada pelas agências de fomento, seria leviano de nossa parte constatar nossos problemas, propor soluções e não cotejá-los com quem tem servido de parâmetro para os órgãos financiadores.

Recebemos, por outro lado, informações de calendário, por escrito, via correio, enviamos nosso projeto de financiamento dentro do prazo previsto na missiva, para recebermos resposta negativa do mesmo órgão sob a alegação que estávamos fora do prazo. Os pedidos de desculpas que nos foram encaminhados, por telefone, não foram, obviamente, suficientes para suprir nossas necessidades orçamentárias e financeiras.

Fomos questionados quanto a uma suposta dificuldade em mantermos contato entre pesquisadores através de cursos e mesas redondas, como se apenas através de conferências isto fosse possível. Nas mesas-redondas e nos cursos, como se poderá notar, os pesquisadores debaterão seus trabalhos, suas reflexões, suas experiências.

Se alguns de nós acreditavam que tais dificuldades fossem decorrentes da histórica má vontade com as Ciências Humanas, dado o pequeno volume de recursos a elas destinado, ousou discordar. Acredito que isto seja fruto muito mais do amadorismo e do personalismo que domina as elaborações de políticas neste país, o que leva cada titular de pasta a acreditar que esteja novamente criando a roda ou inventando a pólvora, como se a história da instituição começasse com sua nomeação, inexistindo qualquer traço de políticas anteriores, mudando, inclusive, as regras do jogo e desconsiderando expectativas legitimamente criadas.

As dificuldades relativas à diversidade e às distâncias, sequer foram consideradas problemáticas por nós. A possibilidade de estarmos construindo algo novo, dentro de uma nova mentalidade, mudança mais que necessária no momento que o país vive, animava-nos a prosseguir.

Não foi em vão. Recebemos mais de seiscentos trabalhos científicos, dos quais selecionamos mais de quinhentos. Da Mostra de arte participaram mais de cento e vinte trabalhos, sem contarmos livros, revistas e outras modalidades de trabalhos que foram “mostrados”.

De uma avaliação preliminar pudemos perceber que aumentou o número de trabalhos em relação ao primeiro e melhorou ainda a qualidade.

Como se vê, somos produtivos, nossas demandas estão por demais represadas, embora nossos pesquisadores estejam por demais desestimulados. E, aqui não me refiro apenas aos salários que só fizeram cair seu poder aquisitivo ao longo da última década, apesar dos movimentos para sua reposição..

Quando a referência é para o desestímulo, estamos falando de cinco anos trabalhando sob uma constante pressão que tem provocado baixas em nossas fileiras, de pessoas que a Universidade qualificou para a pesquisa e que se aposentam com receio de perderem o direito à aposentadoria por tempo de serviço.

Contudo, não é isso que vem ao caso. O desânimo vem quando nos sacrificamos enquanto grupo, nos departamentos, para qualificar os colegas, para nos qualificarmos também, para rompermos com um modelo de universidade que não desejávamos, uma universidade sem pesquisa, sem perspectiva de se tornar uma fonte geradora de conhecimento, balizadora das transformações tão ansiadas pela sociedade brasileira e que, em tempos recentes, nosso engajamento social muito contribuiu para tirar da inércia, tanto a universidade quanto a sociedade, e vemos nossos projetos ruírem.

A nossa tarefa é de reconstruir um país. Não saímos de uma guerra, felizmente, mas recentemente saímos dos anos de chumbo, apenas para lembrar um trabalho sobre nossa história recente, o que indica a necessidade de recomeçarmos quase tudo. Inclusive reaprendermos, se é que já soubemos algum dia, a vivência democrática. Os anos de intolerância deixaram profundas marcas, o vírus do autoritarismo, que não raras vezes contamina quem esteve engajado nas lutas pela democracia.

Recentemente, vimos notícias em jornais de grande circulação de alguém que, tendo pouca relação amistosa com o regime militar, vir de público pregar intervenção militar em assuntos que dizem pura e tão somente à sociedade civil, embora os militares enquanto cidadãos tenham todo o direito de opinarem acerca do assunto. Porém, não como força armada em assunto de natureza civil. Mas isso são contradições inerentes à própria infância de nossa democracia. Mas precisamos cuidar para que seja uma infância feliz, de modo a tornar-se uma vida adulta com maturidade.

Não estou entre aqueles que acreditam serem as Ciências Humanas as primas pobres nas universidades e na comunidade de cientistas nacionais. Nem entre os que acreditam que a situação não comporte mudanças. Primeiro porque talvez não necessitemos ainda tantos recursos quanto as exatas e

biomédicas, se considerarmos pesquisa a pesquisa. Seus instrumentos de trabalho, os objetos de estudo, o material de consumo, os laboratórios, tudo é caro. Nosso objeto, os humanos, efetivamente são muito mais caros que os objetos deles. A diferença é que, felizmente, dispensamos a necessidade de aquisição desse objeto, no sentido financeiro do termo. A apreensão do mesmo, o conhecimento acerca dele, dá-se de maneira cognitiva, epistemologicamente.

Em segundo lugar, necessitamos de mais investimentos, daí não me sentir entre os acomodados e fatalistas ao afirmarem que sempre foi assim e assim será. Para esses não existe a história. O mundo foi construído em seis dias e está pronto e acabado. Provavelmente sua contribuição foi pequena na transição para a democracia e continuará sendo pequena quanto a sua construção efetiva. Mas é importante que também possam continuar contribuindo com ela. De cada um conforme sua capacidade, a cada um segundo suas necessidades.

Uma das críticas que ouvimos aqui e em São João Del Rei foi que há um número muito grande de atividades o que dificulta a escolha. Pelo menos o que existe é fartura de trabalhos e não carência. Assim, creio que devemos manter a estrutura aperfeiçoando-a. O número de trabalhos haverá de ser grande uma vez que as áreas envolvidas são numerosas. O Congresso firma-se agora e em 1997 será sediado pela Universidade Federal de Juiz de Fora à qual desejamos todo o sucesso e nos colocamos à disposição, no sentido de prestarmos toda a colaboração possível para a realização do Terceiro Congresso e Terceira Mostra.

*Geraldo Inácio Filho*